

Pastore viaja confiante em acordo com credores

por Célia de Gouvêa Franco
de Brasília

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, viajou ontem à noite para Nova York com a firme intenção de fechar o novo acordo com os bancos privados internacionais para renegociação da dívida externa brasileira com um "spread" (taxa de risco) de 1,125% ao ano, em média. Essa taxa só deverá ser elevada — como querem os credores brasileiros — se os bancos se dispuserem a aceitar um prazo para o pagamento dos empréstimos superior a quinze anos, de acordo com um assessor de Pastore. Hoje mesmo deverá ocorrer a primeira das reuniões dessa nova rodada de entendimentos com os bancos privados.

Pastore viaja firmemente convicto de que será possível fechar o acordo esta semana, como disse a pelo menos dois de seus interlocutores habituais. Dilson Sampaio Fonseca, chefe de gabinete de Pastore, que o acompanha a Nova York, informou, pouco antes de embarcar ontem para o Rio, que a volta ao Brasil está marcada, em princípio, para sexta-feira.

O próprio Pastore praticamente nada informou, em rápida entrevista à imprensa. Não quis revelar sua proposta de trabalho com os bancos, dizendo que ainda são necessários novos entendimentos. Preferiu não comentar a proposta de capitalização em estudo pelos assessores econômicos do presidente eleito Tancredo Neves. E mais: disse que não conta com o aval nem tem mantido entendimentos com representantes do próximo

Depois, a volta à USP

Os planos do atual presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, para o dia 15 de março são bastante definidos: ele retoma seu posto de professor na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e inicia os entendimentos para reabrir sua firma de consultoria. Essas foram informações prestadas ontem pelo seu assessor especial, Ibrahim João Elias, que provavelmente acompanhará Pastore na empresa de consultoria.

Nos últimos dias, com a ascensão do nome do secretário da Receita Fede-

ral, Francisco Dornelles, para ocupar o Ministério da Fazenda do governo, Tancredo Neves, voltaram os rumores de que Pastore poderia continuar à frente do Banco Central. Para Elias, não existiria essa possibilidade, pois a disposição de Pastore seria voltar a São Paulo e à iniciativa privada. Antes de ser chamado para presidir o Banco Central, Pastore manteve, com outros sócios, a firma de consultoria A.C. Pastore e Associados. O nome de sua empresa deverá ser outro, mas a equipe basicamente a mesma.

governo. "Não quero polemizar", explicou, sucintamente, ao se recusar a apreciar as sugestões para o tratamento a ser dado à dívida externa apresentadas pela Comissão para o Plano de Ação do Governo (Copag).

O Banco Central e os bancos privados, de qualquer forma, já montaram toda a estrutura necessária para se fechar o acordo ainda esta semana. Os últimos detalhes sobre a economia brasileira necessários para compor o relatório que será enviado aos bancos credores assim que for fechado o acordo foram obtidos até sexta-feira por Douglas Smeé, coordenador do subcomitê de economia do comitê de assessoramento e representante do Bank of Montreal. Smeé passou dois dias colhendo esses dados finais — especialmente sobre o nível das reservas

brasileiras — junto à diretoria da área externa do BC e viajou de volta a Nova York no fim de semana.

Seguem com Pastore, além do diretor da área externa, José Carlos Madeira Serrano, técnicos do Banco Central e da Procuradoria Geral da Fazenda que são necessários para fechar os detalhes de qualquer acordo. O que se espera, de acordo com uma fonte do BC, é que sejam definidas as grandes linhas pelo comitê e por Pastore e que, a adesão de todos os bancos credores do Brasil demore ainda várias semanas. O acordo, inclusive, poderia ser assinado, formalmente, apenas depois do dia 15 de março, já sob o governo Tancredo Neves, mesmo que depois sejam retomados os entendimentos para uma nova renegociação na busca de melhores condições.